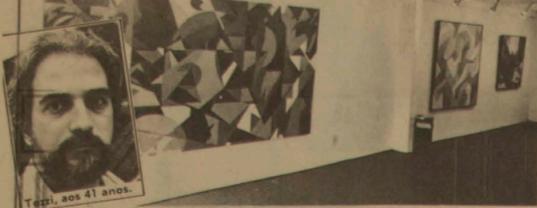


VISUAIS



Tozzi, aos 41 anos.

A nova pintura sem títulos

A nova fase de Tozzi, longe dos trópicos.

Adeus paraíso tropical. Na fase nova de Claudio Tozzi nada de praias com coqueiros verdes e águas azuis. E muito menos papagaios, araras, periquitos. O Brasil mudou, a pintura dele também. Só que agindo como "antena da raça", o pintor antecipou-se à seriedade atual do País em pelo menos quatro anos. Basta olhar a história de um de outro. Claudio ficou sério, formal, formalista, quando decidiu mergulhar fundo nas origens mais puras da arte brasileira e de lá recolheu as colchas de retalhos, tão comuns na zona rural brasileira. Uma dessas obras-primas de cor, forma e espaço muito bem dosadas está — curioso — em pleno centro de uma mais agitada metrópole brasileira, a cidade de São Paulo: diante de milhares de passageiros do metrô, no subsolo da Praça da Sé.

Aos 41 anos de idade, Claudio Tozzi é o próprio exemplo do equilíbrio. Tanto do homem, quanto do artista. "Depois dos 40 anos, tudo fica mais claro, não acha?" Se alguém duvidar é só olhar as 20 telas pintadas nos últimos 18 meses e que poderão ser vistas hoje, às 21 horas, na galeria Montessori (avenida Europa, 655).

Refugiado numa casinha branca de tijolos, Claudio pôs-se a pintar naquele minúsculo espaço, mas suficiente para criar longe de qualquer assédio. "E hoje o artista mostrará que abandonou o seu famoso rolinho, responsável por tantas pinturas 'pontilhistas' e que, agora, o que vale é o pincel, a matéria, o relevo. Numa idade em que centenas de outros pintores brasileiros ainda estão atrás do sucesso do jogo metodológico implantado na Itália e na Alemanha e que ficou conhecido como transvanguarda (A última Bienal de São Paulo foi o enterro do neo-Expressionismo", diz), Claudio Tozzi chega ao exemplo claro e absoluto de uma visão muito pessoal do construtivismo e,

meio feliz como um garoto, revela: "Acho que minha pintura combina com os novos tempos do Brasil."

Até chegar a ela não foi fácil, rápido ou improvisado. São 22 anos começados em 1964, quando fazia colagens denunciando o horror do Vietnã. Depois, vieram "O Bandido da Luz Vermelha", "Chê Guevara", as multidões anônimas. Tozzi fez Pop Art na época da Pop Art. Como um repórter atento ao seu tempo, ele fez cada coisa na hora certa e no momento exato. Em 1969, quando Neil Armstrong chegava à Lua, pintou, desenhou, gravou seus astronautas. Na euforia futebolística de 1970, pintou o futebol brasileiro, então respeitado e respeitável. Fez também as cenas urbanas, o dia-a-dia. No apogeu da repressão político-militar, nos tempos duros e difíceis, quando gritos humanos de dor saíam dos quartéis, construiu a série dos parafusos porque quando se é inteligente, sutil e perspicaz é fácil comunicar-se com o outro através da metáfora.

Em 1973, apogeu do happening, esse avô da performance, Tozzi fez arte conceitual misturando a imagem real (grama, pigmentos, algodão) com a imagem retratada e idealizada-comentada. Foi parar na Bienal de Veneza. Depois desmistificou o fazer artístico do pintor revelando o que é pigmento, o que é cor, o que é luz. Chegou ao Trópico Revisitado (paisagens e papagalhos), à colcha de retalhos, à trama urbana, às "passagens" (escadas) e a estas obras sem título. Ainda escadas como ponto de partida, elas jamais são reconhecidas como tal por qualquer espectador porque o que conta, aqui e agora, é a forma, é a pintura.

Enquanto se prepara para voltar a Nova York, em setembro próximo, Claudio Tozzi vai até a galeria ver seus quadros, e deixa escapar a senha pela última vez: — Aos 40 anos, tudo fica mais claro, não acha? **Olney Krüise**

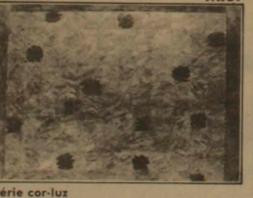
O retorno de Fiaminghi em 24 telas

Depois de oito anos fora do circuito comercial, período que praticamente foi impossível descobrir a evolução do seu trabalho, Hermelindo Fiaminghi está de volta. A partir de hoje ele expõe suas 24 telas mais recentes na galeria São Paulo (rua Estados Unidos, 1.456), onde se poderá descobrir a renovação e a juventude de seus temas, numa mostra que satisfaz a todos que se interessam por um artista renomado e cujas obras não tiveram seus preços artificialmente remarcados diante da alta do mercado. A exposição se divide em três partes: "desretratos", "despajagens" e "corluz". Cada parte obedece a uma lógica própria, criando, no entanto, um trabalho uniforme, de compreensão interdependente. Os "desretratos" são homenagens a três poetas — Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari — e a um artista concretista, Volpi, e são construídos a partir da decodificação de uma fotografia. Os três poetas são facilmente visíveis. Volpi se intui mais por um peculiar cigarro no canto da boca.

A "despajagens" são uma interpretação do efeito que o reflexo da luz solar na água provoca nas plantas e nos acidentes do terreno em volta. São telas de grande profundidade, sugerindo figuras da geometria natural. "Corluz" também parte da mesma interpretação, mas tem um tratamento técnico diferente, que permite o arroubo pes-

soal do artista em detrimento de motivos realistas. — Unindo toda a obra, um minucioso estudo de cores e nuances e um trabalho artesanal de preparação em cada tela. Como sua vida, a casa de Fiaminghi é toda voltada para a arte. Em cada mesa, em cada estante, todo o espaço é ocupado pelos pigmentos, pincéis e material para telas. Os pigmentos puros são diluídos ou misturados para se obter tons de determinado tom. As telas são armadas com linho puro tratado com gelatina. Um detalhado trabalho de preparação realizado pelo próprio artista.

A mostra apresenta 17 quadros de 1,17 metro por 1,4 metro e sete de 1,15 por 1,15 metro, vendidos em média, por Cr\$ 70.000,00. A galeria São Paulo fica aberta todos os dias das 10 às 22 horas, podendo ser visitada inclusive aos sábados e domingos pelo período em que permanece a exposição até o dia 28. **M.S.**



Série cor-luz

Duas exposições, um tema.

Dois artistas experimentados, mas jovens diante dos decanos da arte nacional, abrem esta semana em São Paulo suas exposições de trabalhos abstratos: o fluminense Benevento e o mineiro Juarez Magno.

Juarez Magno, nascido em Belo Horizonte em 1943, funde hoje a experiência de suas duas vertentes mais fortes, a da geometria pura e a da abstração paisagística. Para ele, o período de trabalho com paisagens abstratas equivalerá a uma exorcização do geometrismo racional, evoluindo para um trabalho equilibrado entre as duas formas. É um artista em pleno processo de ebulição criadora, renovando evidentemente seus conceitos e no processo de obra não concluída.

Os preços das obras variam de Cr\$ 3.000,00, um óleo ou acrílico de 50 por 35 cm, a Cr\$ 20.000,00, um óleo de 1,30 por 1,50 metro.

Antônio Sérgio Benevento, nascido em Friburgo em 1945, expõe pela segunda vez em São Paulo. A primeira, no entanto, foi no começo dos anos 70 e compreendia sua fase figurativa, há muito tempo

superada. Seu trabalho hoje pode ser considerado um estudo terminado do que poderia ser chamado de abstracionismo simbólico, já que utiliza fartamente determinados símbolos nos quadros.

Ligado à psicanálise e à música, Benevento busca uma construção visual que interprete e mexa com o inconsciente. Seus trabalhos multicoloridos admitem uma leitura imediata e polígona, partindo de pontos definidos e chegando a detalhes colocados não por acaso. Os preços das obras variam entre Cr\$ 14.000,00 e Cr\$ 64.000,00 para telas de 60 por 72cm a 2 por 3 metros.

A exposição de Benevento abriu ontem, na galeria Paulo Klabin (al. Gabriel Monteiro da Silva, 1033) e fica até 28 de maio, podendo ser visitada de segunda a sexta-feira das 10 às 20 horas e aos sábados das 10 às 13 horas. A de Juarez fica na galeria Paulo Prado (rua Eng. Alcides Barbosa, 53) de hoje até o final do mês, podendo ser vista de segunda a sexta das 9 às 22 horas e aos sábados das 9 às 13 horas. **M.S.**



Paisagens, de Juarez Magno.



O simbólico Benevento

Sylvester Stallone e Steven Spielberg fizeram bem em não vir. Se algum terrorista libérisse atingi-los durante o Festival de Cannes não teria grandes problemas. Apertadamente o festival não adotou nenhum sistema especial de segurança, nenhuma vigilância além da costumeira. Pelo jeito, a organização não acredita que terroristas possam entrar sem serem revistados e transitar pelo Grand Palais sem problemas. Só não vão estourar bombas se os libios não quiserem.

O trigésimo-nono Festival de Cannes começa mais modesto, com um dia a menos que nos anos anteriores. Foi uma decisão tomada no ano passado por causa da dificuldade de se encontrar bons filmes. Também hoje a abertura, antes da apresentação de *Hors Casca* de Os Piratas, de Roman Polanski, não haverá discursos nem pompas. A cerimônia será feita por um velho e um adolescente. O velho é o veterano ator Charles Vanel, de *Salário do Medo*, atualmente com 94 anos. O adolescente é Charlotte Gainsbourg, de 14 anos, filha do compositor Serge Gainsbourg e estrela do filme *L'Étranger*.

Como no ano passado, o presidente do júri do festival é o diretor que ganhou o Oscar de direção: no caso, Sydney Pollack. E um cargo chave e geralmente quem decide o resultado, só que é difícil imaginar o gosto cinematográfico do diretor de *Entre Dois Amores*, que terá ao seu lado a nossa Sônia Braga, a partir da revista *Première* chamada de atriz argentina. E a primeira vez de uma brasileira faz parte do júri, onde estiveram apenas mulheres, como Anselmo Duarte e Cacá Diegues. Também estão no júri a roteirista Daniele Thompson, filha de Gerard Oury e autora de *La Boum* e *Maladie d'Amour*, o último filme de Zolawski; o crítico inglês Philip French, do *The Observer*; o fotógrafo italiano Tonino Delli Colli, que fotografou filmes de Pasolini e Malle; o produtor francês Alexandre Mnouckine; o diretor húngaro István Szabó, de *Mephisto*; Alexandre Trauner, diretor de arte de filmes clássicos, como *L'Enfant du Paradis*, e de recentes, como *Harem* e *Subway*; e ainda o ator e cantor Charles Aznavour.

Escândalos Se não houver bombas, pelo menos é certo que vão acontecer alguns escândalos. Parece que voltaram à moda os temas provocadores. O francês Nagisa Oshima, que desde o Império dos Sentidos é especialista em criar polêmicas, conta desta vez em *Max Mon Amour* a história de uma mulher de alta burguesia, Charlotte Rampling, que tem um caso de amor com um chimpanzé. O marido Anthony Higgins descobre e resolve deixar tudo como está, como sempre aconteceu com Oshima, o filme não pôde ser feito no Japão e é apresentado, em Cannes, a França. Outro escândalo ocorre em *I*

CANNES

Bomba, nenhuma. Apenas filmes polêmicos.



De Marco Ferreri a história de amor por um boneco e de Nagisa Oshima por um chimpanzé

Love You, do italiano Marco Ferreri. O galã francês do momento, Christophe Lambert, de *GreyStoke* e *Subway*, cansado das mulheres, se apaixona por um pequeno boneco que lhe responde *I Love You*, cada vez que ele assovia. Depois fica desesperado quando o boneco o trai.

Também polêmico é o filme francês *Tenue de Soirée*, de Bertrand Blier, o realizador de *Les Valseuses*. É a história de um homem comum, Michel Blanc, rejeitado pela mulher que ama, que se deixa seduzir por um homossexual viril, o qual termina por vesti-lo de mulher. A novidade é que o homossexual é feito pelo ultramachão Gerard Depardieu.

O favorito Este ano há duas previsões. Os franceses estão fazendo grande pressão porque estão comemorando 20 anos desde que ganharam pela última vez a Palma de Ouro, justamente com *Um Homem, Uma Mulher*, de Claude Lelouch, cuja continuação será exibida *hors concours* neste festival.

Por isso a França tem uma seleção muito forte com quatro concorrentes, o já mencionado *Tenue de Soirée* e *Max Mon Amour* e mais *Le Lieu du Crime*, de Andre Techine, uma história de amor edipiano com Catherine Deneuve, e *Thérèse* com a vida de uma santa contada por Alain Cavalier. Além deles o filme que aparece como favorito é o inglês *The Mission*, de Alex Joffe, o mesmo diretor de *Os Gritos do Silêncio*. Ninguém viu ainda, pois o filme está sendo terminado às pressas, mas todos falam bem. Foi produzido por David Putnam, o homem que fez os melhores filmes ingleses dos últimos anos, como

Duelistas, *O Expresso da Meia-Noite*, *Carruagens de Fogo*. Há também dois fatores psicológicos: este é oficialmente o ano do cinema britânico; há uma exposição paralela, e a exibição comemorativa de *A Matter of Life or Death* (Uma Questão de Vida ou de Morte). E do sucesso do filme depende a existência da produtora Goldcrest. Depois do fracasso de *Revolution* e do meio-êxito de *Absolute Beginners*, este filme de US\$ 20 milhões é a única esperança da firma de escapar da falência e com ela todo o cinema inglês, que continua em violenta crise.

O brasileiro Eu Sei que Vou Te Amar, de Arnaldo Jabor, será apresentado na mostra competitiva neste sábado. Pouco se falou sobre ele por enquanto na imprensa. Ele ganhou o título em francês propositalmente de outra canção, *Parlez Moi d'Amour* (Fale-me de Amor). As revistas *Première* e *Star Fix* limitam-se a dar um pequeno resumo e a crítica Hélène Merrick não se contém e reclama: "Este é um filme que está longe do carnaval multicolorido e sentimental de *Orfeu Negro*, o que é uma pena".

É verdade que o filme de Jabor é o primeiro filme nacional a passar em Cannes concorrendo sem que o tema fosse exótico, mas universal, humano. A única crítica que saiu foi de Max Tessier na importante *La Revue Du Cinéma*. Ele diz que este é o melhor filme de Jabor; "soberbo, mas nunca cansativo". Elogia os atores que vão a fundo, mas sem os excessos de fitas como *La Pirate* e sempre com humor. Prossegue dizendo que é um filme mais rigoroso que *Eu Te Amo*, que interessa o tempo todo

graças à magia da fotografia, da beleza dos intérpretes e da riqueza lírica do texto. Conclui ser um grilo de um cineasta louco de paixão que, exercitando abertamente seu passado, apresenta um poema filmado.

Outros Concorrentes

Não é por acaso que a França participou do financiamento de outros filmes que concorrem em Cannes. São eles o argentino *La Dernière Image*, do diretor Lakhdar Hamina que ganhou a Palma de Ouro em 75 com *Crônica dos anos de Bressa*; o indiano *Genese* de Mrinal Sen, e do sueco *Le Sacrifice* feito pelo russo exilado Andrei Tarkowski. Também *I Love You* de Ferreri foi feito por um produtor francês, Maurice Bernart.

Pelos Estados Unidos concorrem dois ex-vencedores da Palma, Robert Altman com *Fool For Love* peça escrita e estrelada por Sam Shepard, e Martin Scorsese com *After Hours*, uma comédia com Griffin Dune, além de *Runaway Train*, com Jon Voight e Eric Roberts.

Da Argentina concorre *Pobre Mariposa*, de Raul de La Torre, uma história sobre nazistas depois da Segunda Guerra, e ainda *Mons Lisa* (Inglaterra) do diretor Neil Jordan conhecido por *The Company of Wolves*, sobre prostituição. A obra filmada *Ohé* de Franco Zeffirelli, com Plácido Domingo; concorre pela Itália e da Alemanha vem *Ritosa de Luxemburgo*, a vida da revolucionária contada por Margaret Von Trotta.

Pela Rússia Boris Godonov, dirigido e estrelado por Sergei Bondarchuk, o diretor de *Guerra e Paz*, mas sem relação com a ópera de Mussorgski. Pela Austrália *Fringe Dwellers*, de Bruce Beresford, sobre acrígenes e ainda *Down By Law*, o novo filme de Jim Jarmusch que provocou sensação dois anos atrás com *Stranger Than Paradise*.

Haverá ainda homenagens especiais para os falecidos Simone Signoret, com uma compilação de seus filmes feitos por Chris Marker e Orson Welles, exibindo trechos inéditos de Don Quixote. Mas o melhor talvez esteja fora de concursos. Além de *Os Piratas*, de Polanski, que será mostrado hoje, teremos no encerramento o *Amor-bruxo* de Carlos Saura novamente com Antonio Gades e Laura del Sol. Veremos ainda *A Cor Purpura* de Spielberg, *Hannah e Suas Irmãs* de Woody Allen, e o filme de Lelouch *Um Homem e Uma mulher* vinte anos depois.

Uma última notícia, os outdoors em Cannes que anunciam novas produções têm dois filmes novos de Hector Babenco, um deles já se ouviu falar, é *Ironweed*, com Jack Nicholson e Merry Streep. O outro está sendo anunciado pela Cannon e não se sabe do que se trata, embora tenha o estranho título de *The Second Killing of the Dog* (A Segunda Morte do Cão).

Rubens Ewald Filho, de Cannes.



Ansiosa espera

Um espetáculo com a força da palavra e a magia do palco

A recuperação do teatro como espetáculo, a força da palavra, a magia e o talento de Antunes Filho e de todo o elenco de *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*. Foram os grandes destaques da apresentação especial da obra de Guimarães Rosa, acontecida na noite da última terça-feira. A classe teatral estava em peso, atores, atrizes, diretores, produtores se acotovelavam no saguão e na ante-sala do Teatro Sesc Anchieta (r. Dr. Vila Nova, 245).

Havia uma grande expectativa e a emoção já dominava a todos. Início do espetáculo. Silêncio total. Nas primeiras cenas a empatia palco-platéia atingia seu clímax. Entra em cena Raul Cortez. Um delírio. Explosão de talento e sensibilidade.

Até único, duas horas de espetáculo. A platéia consumia avidamente cada palavra como se a estivesse redescoberto. *A magia de Rosa* parecia inatingível e inconsciente. Nas cenas mais fortes, o silêncio total, um brilho especial, um colorido de emoção. Final do espetáculo, a platéia não hesitou. De pé, aplaudia incessantemente. No rosto dos atores, uma inextinguível felicidade pelo trabalho realizado.

Invasão dos camarins. Entre sorrisos, abraços e cumprimentos efusivos, uma tentativa de fuga. Era Antunes Filho, o diretor, que pretendia deixar a festa para todo o elenco. Impossível. Cercado por todos os lados, Antunes atende aos pedidos e permanece.

A atriz Célia Helena foi quem conseguiu retratar da melhor forma as pinhões e não hesitou em afirmar: "É uma grande espetáculo. Uma atuação memorável de Raul Cortez, Marlene Formosa e Elias Batista. É importante porque estamos recuperando a palavra, a ideia e o espetáculo, retomando uma coisa que parecia perdida nestes últimos anos".

Já a estudante de comunicações Maria Clara, 22 anos, afirmava que "a emoção que estou sentindo é indescritível. A linguagem de Guimarães Rosa que parecia ser difícil de ser transportada para o teatro ficou magistral nesta montagem. Além disso, Raul Cortez comanda um elenco coeso e de interpretações uniformes. Valeu demais".

Num fragmento de sua obra, Guimarães Rosa resume o espetáculo: "Todos, do sertão, sabemos querer atalhos. Queremos o mágico. O pacto. As supremas superações, a transvida", evidenciando a importância e a maturidade de diretor, elenco e texto. **Dilson Osugi**



ra uma farmácia, imagine, o lugar onde se ouviu falar pela primeira vez de uma bebida chamada Coca-Cola, vendida ao primeiro freguês no dia 8 de maio de 1886, há exatos cem anos. O gosto era de remédio. E era mesmo remédio. Pelo menos isso é o que pretendia o seu inventor, o farmacêutico John Styth Pemberton, que a recomendava contra dores de cabeça e como tônico para os nervos. A fórmula primitiva tinha, junto com a cola, uma dose de vinho francês, substituído depois por cafeína, que acompanhava outros ingredientes misteriosos que Pemberton foi experimentando até chegar a um xarope básico adocicado. Por acaso, um dia, ele foi diluído num copo de água carbonatada e ficou efervescente.

Heureca! Estava pronta uma bebida que dois anos depois de sua invenção acabou se lançando à conquista do planeta pela visão de um jovem empresário. Assa Grieg Candler que, em 1888, apresentou-a como refrigerante e vendeu tanto em Atlanta que construiu até um prédio exclusivamente para administrar a empresa que deslanchou ainda mais nas mãos de Robert Woodruff, empossado como presidente em 1923 e que duplicou as vendas. Além de ter descoberto uma outra fórmula de sucesso: as campanhas promocionais que invadiram todos os veículos possíveis (de chuveiros a charutos) e usaram as mais sedutoras garotopropaganda. Exemplos? Greta Garbo, Jean Harlow, Claudette Colbert, Maureen O'Sullivan e pasmem! Joan Crawford, quando ela ainda nem sonhava em ser um dia a madame Pepsi-Cola por força de seu casamento com Alfred Steele, o grande empresário do único concorrente da Coca-Cola que vingou



O seu gosto era de remédio. Ficou mais doce. Conquistou o mundo e está no Brasil há 56 anos. E vai para o espaço.

te com avassaladora facilidade e transformar a garrafinha e o logotipo num verdadeiro símbolo americano, a Coca começou a forçar entrada em outros redutos: a Polónia capitulou em 72, os chineses em 75. Além disso, a empresa foi se expandindo para outras áreas. Basta lembrar que em 82 a Coca-Cola Co. comprou a Columbia Pictures Industries Inc. por 750 milhões de dólares, disposta a encerrar os elevados riscos e os rendimentos cíclicos.

Em 83, a empresa americana anuncia o lançamento da Coca sem cafeína e com baixo nível de calorias, entrando no ramo das bebidas dietéticas. Em abril do ano passado, tenta-se uma nova guinada para deter o avanço da Pepsi. A Coca Co. anuncia que seu refrigerante vai mudar de sabor pela primeira vez em 99 anos — será "mais suave e mais doce". Mas em junho o povo protesta nos Estados Unidos. Os membros de uma organização chamada de "Consumidores da Velha Coca-Cola" moveram um processo contra a companhia para que ela repusesse o sabor tradicional. E não é que deu certo? Em julho a Coca Co. voltou atrás.

No Brasil Demorou 56 anos desde a invenção, mas chegou. Em 1942 a Co-

ca-Cola desembarcava em terras tupiniquins montando a primeira fábrica na rua Conde de Leopoldina, 686, no bairro carioca de São Cristóvão. Vendia-se em garrafas pequenas até ao ano seguinte, quando a Coca veio instalar-se em São Paulo. Depois pipocaram outras fábricas por todos os Estados da Federação, até que em 64 a Coca-Cola era um sucesso nacional. Veio então a diversificação: Fanta Laranja, Coca litro, Fanta Uva, sistema post-mix (venda em copos), a Fanta Guaraná, a Fanta Limão e Guaraná Taí e Sprite. Em 1981 já podíamos beber no estilo americano, em latinhas, que movimentava mais de 60 unidades fabris. A Coca-Cola Indústias Ltda., que virou fornecedora de matéria-prima para os fabricantes de refrigerantes no Brasil, tem outras atividades — desenvolve cultivo de baunilha com vistas à exportação, responde pela compra, fabricação e embalagem de bebidas à base de frutas sob a forma de sucos (pela joint-venture com a Sucrobrasil) e pela S.A., que gerou a Sucobrasil) e per aí vai. Claro, houve uns percalços por aqui, casos como objetos "estranhos" encontrados nas garrafas, denúncias de intoxicação, o processo judicial que foi deflagrado a partir da denúncia da morte de dois operários nos tanques da fábrica de Bonsucesso e coisas assim. Nada suficiente entretanto para abalar o prestígio da empresa, que tem sede em 155 países, 50 milhões de consumidores apenas nos EUA e mais 270 milhões no resto do mundo. Nada mal, não é? Portanto, conquistado o globo terrestre, vamos à estrotafesta. Em maio do ano passado, a Coca anunciou que será também a primeira bebida gasosa consumida fora da terra. Mais de um quarto de milhão de dólares foram investidos em Atlanta para desenvolver o projeto de uma nova lata, que permite que a bebida seja tomada pelos astronautas da Nasa em ambientes com ausência de gravidade. A nova lata, segundo a Coca Co., possui um mecanismo interno que facilita a saída do líquido e compensa a falta de gravidade com um bico vertedor ativado por uma válvula.

Vera Magyar